



O ANARQUISMO CATALÃO NO CONTEXTO INDEPENDENTISTA ONTEM E HOJE: RUPTURAS, CONTINUIDADES E NOVAS PERSPECTIVAS

Evandro Coutinho¹
Universidade Federal do ABC

José Blanes Sala²
Universidade Federal do ABC

Resumo: O presente artigo fará uma análise comparativa entre as posturas e atitudes políticas da CNT-FAI e da CUP, nos diferentes contextos de independência catalã de 1934 e de 2017. Desde os movimentos sociais surgidos como consequência da crise internacional iniciada em 2008, o independentismo catalão voltou à cena política espanhola com considerável vigor. Na esteira desses movimentos ganhou força a Candidatura d'Unitat Popular, a CUP, organização assembleísta, descentralizada e municipalista, frequentemente tida como anarquista e comparada com os anarquistas da Confederación Nacional del Trabajo e Federación Anarquista Ibérica, a CNT-FAI, anarcossindicalistas das primeiras décadas do século XX que participaram, à sua maneira, dos debates sobre a independência catalã durante a Segunda República Espanhola (1931-1936). Pretendemos averiguar se há correspondência ideológica e/ou de princípios entre as duas organizações e, também, se existe uma relação diacrônica entre elas, considerando seus respectivos contextos.

Palavras-chave: Catalunha; Independência; Anarquismo; Candidatura d'Unitat Popular.

EL ANARQUISMO CATALÁN EN EL CONTEXTO INDEPENDISTA AYER Y HOY: RUPTURAS, CONTINUIDADES Y NUEVAS PERSPECTIVAS

Resumen: El presente artículo hará un análisis comparativo entre las posturas y actitudes políticas de la CNT-FAI y de la CUP, en los diferentes contextos de independencia catalana de 1934 y de 2017. Desde los movimientos sociales surgidos como consecuencia de la crisis internacional iniciada en 2008, el independentismo catalán volvió a la escena política española con considerable vigor. En la estera de esos movimientos ganó fuerza la Candidatura d'Unitat Popular, la CUP, organización assembleísta, descentralizada y municipalista, frecuentemente considerada anarquista y comparada con los anarquistas de la Confederación Nacional del Trabajo y Federación Anarquista Ibérica, la CNT-FAI, anarcosindicalistas de las primeras décadas del siglo XX que participaron, a su manera, de los debates sobre la independencia catalana durante la Segunda República Española (1931-1936). Pretendemos averiguar si hay correspondencia ideológica y / o de principios entre las dos organizaciones y, también, si existe una relación diacrónica entre ellas, considerando sus respectivos contextos.

Palabras clave: Cataluña; Independencia; El Anarquismo; Candidatura d'Unitat Popular.

Introdução

Os dois movimentos políticos catalães – o independentismo, mais antigo (1701, com as Cortes de Barcelona), e o anarquismo, relativamente mais recente

¹ E-mail: evandro.c@ufabc.edu.br.

² E-mail: blanes@ufabc.edu.br

(1868, com a fundação das primeiras seções da AIT) – coexistiram desde o surgimento deste último e, de certa forma, tem alguma relação. Desde o último processo de luta por independência dos catalães - iniciados por volta de 2006 e que ganhou corpo a partir de 2011 –³ vem se destacando no cenário das mobilizações populares o agrupamento *Candidatura d'Unitat Popular* (CUP), como uma importante força política, especialmente na década atual. A CUP recebe freqüentemente a alcunha de “anarquista” por diversos setores políticos e midiáticos espanhóis, independente de suas posições acerca da independência. Não raro, o agrupamento é comparado ao Anarquismo Clássico Espanhol,⁴ tido como uma espécie de herdeiro histórico dos sujeitos e organizações anarquistas que realizaram uma Revolução Social em julho de 1936, dirigidos majoritariamente pela *Confederación Nacional del Trabajo* e *Federación Anarquista Ibérica* (CNT-FAI) e outros grupos de oposição interna.

A partir da perspectiva da História Comparada, este artigo tentará fazer uma análise da postura política dos dois agrupamentos em relação à questão do independentismo catalão e, portanto, também serão analisados brevemente os diferentes contextos históricos nos quais estão inseridos.

O método comparativista para a pesquisa historiográfica, utilizado desde os Iluministas por razões nada ingênuas e etnocêntricas, e sistematizado pela primeira vez pelo apologista da história, Marc Bloch, permite uma miríade de perspectivas de comparação. A utilidade da História Comparada para o artigo diz respeito a relativização do quadro político deixado pelo contexto do século XIX: os da suposta rigidez das fronteiras delimitadas nas fases iniciais do capitalismo.⁵ A

³ RANERO, José M. L. A propósito del desafío independentista en Cataluña: un análisis de la participación en las elecciones autonómicas catalanas (2006-2015). **RIPS. Revista de Investigaciones Políticas y Sociológicas**, Santiago de Compostela, v. 16, n. 2, p. 111-141, 2017.

⁴ Desse ponto em diante, para fins meramente práticos, usarei o termo “anarquismo clássico espanhol” para me referir ao conjunto de ações práticas, organizações e tendências que ocuparam o cenário da luta dos trabalhadores e demais setores do povo espanhol sob orientação anarquista no período que vai dos anos 1860 até 1939.

⁵ "Uma grande utilidade adicional do método comparativo está em que ele pode levar a relativização de uma pesada herança historiográfica do século XIX: o quadro das fronteiras políticas como definição de unidades homogêneas e quase ‘naturais’ de análise. A atitude comparativa pode levar a construção de universos de análise definidos segundo parâmetros conceituais bem mais coerentes. Essa perspectiva me parece fundamental neste início de século, no qual o processo de globalização do capital e os ventos neoliberais flexibilizaram estruturas políticas nacionais que pareciam esbanjar solidez. A mundialização transtorna e arrasta os modos tradicionais de produção

perspectiva que adotaremos aqui é a que atua sob realidades históricas diacrônicas acerca da história da sociedade catalã.

Apesar das semelhanças pontuais que marcam nosso século após 2008 e os anos 1930 – crise estrutural do capitalismo a nível internacional, desemprego, inflação e carestia geral da vida dos trabalhadores –, são conjunturas diferentes que geram, portanto, respostas e grupos políticos diferentes, efeitos sociais diferentes. No caso da Catalunha, para que se tenha uma análise comparada desses dois objetos – CUP e CNT-FAI – é preciso uma breve apreensão das diferenças e semelhanças também de contextos gerais em que vivia esta sociedade no século passado e na década atual, tarefa complementar, mas absolutamente necessária para a competência a que se presta esse artigo.

O contexto de 1934 e a posição do anarquismo da CNT-FAI acerca do independentismo catalão

O contexto político e social no qual se insere a Catalunha da Segunda República espanhola (1931-1939) era de grande efervescência por parte dos diversos setores que a haviam fundado em abril de 1931. Após a demissão de Primo de Rivera, a monarquia – que já há muito se tornara anacrônica para o contexto geral europeu – não ofereceu muito trabalho para a articulação de liberais que se forjou logo após o estourar da crise internacional de 1929 e que assumiram o Estado espanhol após a abdicação de Alfonso XIII. Os setores de esquerda, socialistas e anarquistas estavam em plena atividade política e, apesar do fim da monarquia, não reduziram seu grau de ativismo: pelo contrário, atuaram como sujeitos políticos com ainda maior protagonismo, justamente para tornar efetivos os pontos estruturais do programa que elegeu os republicanos.

da cultura, consumo e comunicação. O paradigma do Estado Nação vem sendo relativizado e nas formações culturais são percebidos aspectos múltiplos, híbridos e sincréticos desautorizando formulações (durante algum tempo aceitas) gerais sobre um certo 'caráter nacional', 'genuíno', 'puro', etc.". LIMA, Alonso G. S. A história comparada: potencialidades e limitações. **Revista História Social**. Publicação dos pós-graduandos em História. IFCH. Campinas, 2007. p. 30. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/208>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

A agenda política do governo de Alcalá-Zamora previa uma série de medidas reformistas⁶ para a qual, inclusive, todo o movimento operário e campesino mantinha olhares atentos, especialmente no que diz respeito à Reforma Agrária e às medidas de laicização das instituições.

Na Catalunha, um conjunto de organizações políticas independentistas formaram em março de 1931 a *Esquerra Republicana de Catalunya*, a ERC, vencendo as eleições na região um mês depois e assumindo o comando da *Generalitat*, sede do governo catalão. O general Francesc Macià, entusiasmado com a vivacidade dos acontecimentos e o com sentimento de que mudanças profundas eram possíveis, avançou na radicalidade e proclamou através de uma emissora de rádio o Estado e a República catalãs, sendo rapidamente lembrado por membros também catalães da administração provisória em Madrid de que a Constituição não havia ainda sido redigida pelo governo central. Essa negociação seria retomada apenas após as eleições das Cortes Constitucionais⁷ para superar o caráter provisório do governo.

De todo modo, o governo republicano não pôde varrer do tecido social espanhol a longa tradição católica conservadora, os monarquistas constitucionais e o poder econômico do empresariado urbano e dos latifundiários. Apesar das medidas modernizadoras, a resistência desses setores dentro do sistema

⁶ Os principais pontos: um longo e ardiloso processo de separação entre Igreja e Estado, incluindo confisco de bens institucionais e registro de bens individuais dos párcos; criação de um sistema substancial de educação pública com a construção de 7 mil escolas; Reformas militares com o objetivo de reduzir em quase dois terços o número de oficiais e academias e tentar afastar aqueles contrários à República; um programa de reforma agrária que, principalmente, estendeu a legislação trabalhista existente nas cidades para o campo e tornou obrigatória a utilização econômica da terra para os terratenientes (latifundiários), sob pena de confisco e distribuição para camponeses; etc. Ver JACKSON, Gabriel. La redacción de una constitución e La política Del gobierno Anzaña In: _____. **La República Española y La Guerra Civil: 1931-1939**. Barcelona: Crítica, 1979.

⁷ Mesmo num clima eleitoral, o entusiasmo com as mudanças políticas e sociais como um todo na Espanha eram grandes: “La expectación del cambio, la atmósfera de la campaña y las disposiciones de la ley electoral produjeron una fuerte victoria para la coalición de los republicanos de izquierda y los socialistas, que consiguió casi 250 escaños.” Ibidem. p.56. O acordo firmado nesse momento pelos ministros catalães de Madrid e Macià garantia para a Catalunha o status de “un Estado autónomo dentro de la República española y no decía nada de una federación ibérica. Establecía claramente que el Gobierno de Madrid controlaría de modo exclusivo los asuntos relativos a la defensa nacional, las relaciones exteriores, las tarifas y aduanas, así como las relaciones entre la Iglesia y el Estado.” Idem, p.83. O que restou para a Generalitat foi o controle administrativo local e das instituições que diziam respeito a assuntos culturais, como as escolas, universidades (ainda que compartilhados por Madrid) e a oficialidade do idioma catalão. Isso tudo só aconteceu após a derrota da tentativa de Golpe do General Sanjurjo.

democrático cresceu o suficiente para que eles se reorganizassem em torno da *Confederación Española de las Derechas Autónomas* (CEDA). Razão para a qual o governo republicano recebeu críticas e também hostilidade por parte dos anarquistas da CNT-FAI, que adotavam medidas mais radicais ainda, chegando a propor a instauração imediata do comunismo libertário em pelo menos três ocasiões.⁸

Os conflitos entre o governo republicano e o movimento de trabalhadores não apenas se aprofundaram como revelaram uma deficiência característica das repúblicas burguesas daquele período, ainda mais em tempos de crise econômica: a participação política da população trabalhadora era perigosa para os negócios do empresariado.⁹

Fenômeno muito parecido foi observado durante a gestão da ERC, na Catalunha, inclusive com contornos xenófobos e classistas. O mote do governo catalão era a “República da Ordem”,¹⁰ sustentado por um pleito substancialmente de classe média e sua esperança numa gestão progressista e até radical dos republicanos independentistas. A perspectiva republicana da ERC entendia o triunfo da democracia burguesa como uma panacéia da liberdade civil¹¹ para a população e, portanto, passou a tratar em termos jurídicos e policiais todos os

⁸ Em janeiro de 1932 um levante de mineiros de Fígols espalha-se por Alto Llobregat e Cardoner; Em janeiro do ano seguinte o Comitê general de Defesa da Catalunha provoca uma insurreição armada que chega a propor a prática do comunismo libertário e teve um dos mais sangrentos episódios do período: o massacre de Casas Viejas; em dezembro de 1933 um levantamento armado sem precedentes atingiu várias comarcas e pôs em cheque por vários dias as autoridades até que as várias centenas de vítimas do exército encerrasse o ensaio revolucionário. Um exame detalhado pode ser lido em CASANOVA, Julian. Por la senda de La insurrección. *In*: _____. **De la calle al frente: El anarcosindicalismo em España**. Barcelona: Crítica, 1997. p. 103.

⁹ “El resultado de los dos primeros años del poder republicano es severo: 400 muertos, 3.000 heridos, 9.000 arrestados, 160 deportaciones, 160 requisamientos en contra de prensa obrera.... y sólo 4 requisamientos a prensa derechista. No resulta, por tanto, difícil comprender porque las elecciones parlamentarias de 1933 significaron una derrota para la izquierda: los obreros no votaron. Los socialistas, de tener 116 diputados en 1931, obtuvieron sólo 60 escaños esta vez.” FONTENIS, Geroges. **El Mensaje Revolucionario de Los Amigos de Durruti**. Disponível em: <<http://www.cgtmurcia.org/cultura-libertaria/anarkobiblioteca/memoria-libertaria/de-1910-a-1939/1819-el-mensaje-revolucionario-de-los-amigos-de-durruti>>. Acesso em: 20 dez. 2017. p. 12

¹⁰ Ver capítulo 3.1. EALHAM, Chris. The Republic of Order. *In*: _____. **Class, Culture and Conflict in Barcelona 1898 - 1937**. Nova York: Routledge, 2005.

¹¹ “The ERC was infused with the typical idealism of the nationalist middle-class intelligentsia of this era, evincing a blind faith in the recuperative properties of national self-determination and the utopian expectation that independence would ipso facto end national and class oppression.” *Ibidem*. p. 58.

conflitos sociais que, obviamente, não estavam resolvidos apenas com sua vitória eleitoral.

Durante os primeiros anos de gestão da ERC, alguns rápidos exemplos servem para ilustrar essa relação da “República da Ordem” com os trabalhadores: a instituição dos *jurados mistos*¹² eram a única via de diálogo da Generalitat com o movimento operário, tratando qualquer oposição a eles como insubmissão e caso de polícia. Claramente essa medida foi um ataque à poderosa CNT; a perseguição aos murcianos, principalmente, mas também andaluzes e trabalhadores de outras regiões do território espanhol se tornaram frequentes, chegando o governo ao ponto de organizar um censo e pagar uma viagem de trem com alimentação gratuita aos não-catalães para os limites do território da Catalunha, simplesmente abandonando-os fora de suas fronteiras e impedindo seu retorno e/ou entrada de novos migrantes; os próprios anarquistas catalães, por sua combatividade e proximidade com os setores mais periféricos e marginais da sociedade catalã eram frequentemente chamados de “murcianos”, tamanho o desprezo da classe média pelos setores “não-catalães” da população, aos quais todos os problemas sociais eram atribuídos e, por vezes, tratados como “selvagens de tribos africanas”.

Essa aproximação não era sem razão, na medida em que o período de 1932-34 a CNT-FAI estava sob forte influência de sua ala mais radical, os “Solidários”, cujas bases eram os sindicatos da construção civil, formados por trabalhadores que tinham as piores condições de estabilidade e passavam parte considerável do ano desempregados e empenhados em ações diretas que envolviam banditismo social. A composição desses trabalhadores era majoritariamente de migrantes não-catalães: ocupavam as periferias das cidades e/ou cidades catalãs afastadas dos centros urbanos, o que ajuda a explicar sua radicalidade.

Não muito depois da euforia que tomou inclusive os setores anarquistas que comemoravam a vitória republicana em abril de 1931, rapidamente as tensões entre as bases da CNT e a Generalitat se transformaram em conflitos abertos e as críticas ao governo da ERC por parte da CNT-FAI também não tardaram a aparecer,

¹² Entidades com membros do governo em um júri paritário com membros do sindicato socialista base da ERC, a *Unión General Del Trabajo*, UGT passaram a mediar questões trabalhistas em termos jurídicos, ou seja, uma tentativa de institucionalização dos sindicatos. *Ibidem*. p. 60-70.

como veremos adiante. Um dos resultados desse conflito foi uma abstenção em massa dos eleitores sindicalizados pela CNT nas eleições seguintes.

Em 1933 ocorreram novas eleições para as quais a CEDA estava muito mais bem articulada em relação aos setores políticos defensores da República, especialmente no que diz respeito às tensões entre o movimento operário e campesino e o governo – que pouco fez sair do papel o programa político que o elegeu – além da prática abstencionista dos anarquistas liderados pela CNT e da reação dos católicos após as medidas de laicização republicanas. O resultado foi o retorno de um governo autoritário de direita, dessa vez democraticamente eleito, em novembro. A partir dessa vitória da direita, os setores socialistas radicalizaram seus discursos e ações. A revolução social se tornou pauta incorporada também por trabalhadores da *Unión General de Trabajadores* (UGT) organizados pelo *Partido Socialista Obrero Español* PSOE (um dos partidos derrotados pelas eleições de novembro de 1933), e pelos camponeses da *Federación Nacional de los Trabajadores de la Tierra* (FNTT).

Os anos que se seguirão até o estourar da guerra civil representaram um aprofundamento violento da radicalização e polarização política no qual vivia o país. Uma sucessão de episódios dessa natureza marcou o ano seguinte, especialmente a comuna das Astúrias, a greve geral revolucionária e a declaração de independência catalã em Outubro, rapidamente sufocados pela *Guardia Civil*.¹³ Ainda que derrotados, esses processos servirão como um preâmbulo para os acontecimentos de Julho de 1936, tal qual a Segunda República de 1931 terá sua continuidade em Fevereiro também de 1936.¹⁴

¹³ Ver JACKSON, Gabriel. La revolución de octubre de 1934. In: _____. **La República Española y La Guerra Civil: 1931-1939**. Barcelona: Crítica, 1979.

¹⁴ “El 16 de febrero de 1936, es igual que el 14 de abril de 1931 (proclamación de la República), el 4 de octubre de 1934 (Revolución de octubre), y más tarde el 18-19 de julio de 1936, una ‘jornada’ de la Revolución española del siglo XX. De la misma manera que en 1931 se iniciaba la República liberal, y tres años más tarde se producía el primer movimiento socialista obrero, ahora se inicia la experiencia del Estado democrático, cumpliéndose la primera etapa en los meses que van de febrero a julio de 1936 (...) Si tenemos en cuenta que en 1931 se había abierto la crisis del Estado español por una revolución política, debemos señalar que ahora (1936) nos encontramos ante una segunda etapa, una superación revolucionaria de la misma revolución, un nuevo ascenso del impulso renovador de las masas. Mientras en 1931 se trataba de un movimiento casi exclusivamente político, más interesado en las formas de Gobierno que en la estructura, fines y unidad del Estado, ahora se apunta a una transformación efectiva y permanente de la sociedad, y

No ano de 1934, o evento chamado “Revolução de Outubro” é de particular importância para a história recente da luta catalã por independência. Articulado desde as Astúrias dois meses antes – com contrabando de armas para a província – e iniciado com intensos debates entre socialistas e anarquistas sobre a possibilidade de unidade sindical que culminou numa greve geral no dia 5, organizada e liderada pelos socialistas da UGT, PSOE e pela *Unió Socialista de Catalunya* (USC) na Catalunha, o movimento de grevistas armados enfrentou a guarda civil em diversas cidades espanholas – inclusive na cidade industrial de Zaragoza em Maio, a única onde ocorreu uma unidade efetiva entre anarquistas e socialistas – durante cerca de uma semana, instaurando nas Astúrias uma comuna efetiva, tendo as instituições de economia, justiça e guerra da província mineira estado sob controle de trabalhadores e dirigentes sindicais.

Aproveitando-se desse movimento e sabendo que sob o governo da CEDA as possibilidades de uma articulação negociada de independência para a Catalunha com Madrid estavam encerradas, que seu governo de esquerda estava isolado em relação ao resto da Espanha e que a tentativa de Macià havia fracassado três anos antes, Lluís Companys, membro destacado da ERC e então governador da Generalitat, proclamou a independência definitiva da Catalunha em relação à Espanha, avançando em relação ao último movimento nesse sentido. Entretanto, o movimento encabeçado por ele logrou apenas 10 horas de independência, fora rapidamente reprimido entre a noite do dia 06 e a manhã do dia 07, em grande medida graças à traição¹⁵ do general Domingo Batet, que participou do processo, chegando a se reunir com o governo, mas entregou o movimento aos centralistas de Madrid.

A pouca e limitada participação dos anarquistas catalães – orientados em sua esmagadora maioria pelos membros radicais da *Federación Anarquista Ibérica* (FAI) – nos eventos ocorreu por uma questão de princípios: haviam passado por um breve histórico de perseguição política e policial, além de tentativas de limpeza

por ende de las relaciones de poder.” RAMA, C. **La crisis española del siglo XX**. Ciudad del México: Fondo de Cultura Económica. 1962. p. 222 e 230.

¹⁵ O militar catalão tinha a simpatia dos separatistas e a esperança por parte deles, de que se somaria ao movimento, mas sua atitude foi oposta. Ver: <http://www.abc.es/historia/abci-general-tarragona-acabo-falsa-republica-catalana-proclamada-ilegalmente-1934-201710051946_noticia.html>.

étnica por parte dos republicanos da ERC; desconfiavam fortemente dos objetivos revolucionários dos socialistas que dirigiam a UGT e de suas relações íntimas com Companys¹⁶ e negaram participar da greve geral a menos que sua rival sindical declarasse e se propusesse a realização da revolução social.¹⁷ No que diz respeito ao processo de independência catalã, os operários e grupos socialistas da greve geral não tinha esse horizonte na pauta de suas reivindicações e os anarquistas não tiveram nele participação alguma.

O movimento libertário catalão da década de 1930 foi muito mais federalista e socialista do que independentista. Os anarquistas catalães estavam mais empenhados num projeto de construção de um sistema descentralizado que incorporasse a autonomia catalã, mas também estimulasse a autonomia em demais regiões da Espanha. Não compartilhavam os objetivos de setores republicanos (como é o caso ERC, ou *Partit Socialista Unificat de Catalunya*, PSUC, por exemplo) no sentido de formar um novo Estado europeu, meta que não estava ao alcance objetivo daqueles que se empenharam no movimento independentista de 1934. Em outras palavras, para os anarquistas, a autonomia e a liberdade dos catalães não deveria se enquadrar no tipo clássico de autodeterminação dos povos que se deu desde o século XIX até os anos 1930, ou seja, a formação de estados nacionais com o mesmo modelo de burocracia, polícia civil e instituições verticais, como funcionava a Generalitat.

O Periódico *Catalunya*,¹⁸ lançado diariamente entre fevereiro de 1937 e maio de 1938 (com circulação posterior ao processo de outubro de 1934, portanto), de orientação libertária, escrito em catalão e com o editorial alinhado à

¹⁶ “...los anarquistas se abstuvieron casi por completo. En Aragón se hallaban agotados por los extraordinarios esfuerzos de la huelga general de Zaragoza de marzo-abril. Em Cataluña consideraban al Gobierno Companys como un asunto puramente ‘burgués’ que no les interesaba” JACKSON, Gabriel. **La República Española y La Guerra Civil: 1931-1939**. Barcelona: Crítica, 1999. p. 144.

¹⁷ Sobre os debates em torno da unidade entre os sindicatos CNT e UGT, sob a Aliança Obrera Revolucionária: “Era, a la vez, un recordatorio de cuán revolucionária era La CNT y de lo que tenia que hacer La UGT si queria serlo. (...) Era la UGT, em definitiva, quien tenia que manifestar ‘clara y públicamente cuáles eran SUS aspiraciones revolucionarias’. Claro que, advertência final, ‘al hablar de revolución no debe hacerse creyendo que se va a um simples cambio de poderes, como El 14 de abril, sino a La suspensión total Del capitalismo y Del Estado”. Ver: “La fuerza de La calle”. In: CASANOVA, Julián. **De La calle AL frente: El anarcossindicalismo en España**. Crítica: Barcelona, 1997. p. 134.

¹⁸ Todos os números disponíveis nesse link: <http://www.cedall.org/Documentacio/Castella/cedall203508000_Catalunya_1937_1938.htm>.

CNT-FAI, não há menção a proposições ou processos de independência catalã no modelo defendido por suas elites. Seus textos apontam para a questão histórica da autonomia catalã em termos culturais, mas não chegam a apresentar uma proposta de emancipação que se possa aproximar do que propunha – e tentou – a ERC. Na verdade, é notória uma perspectiva de análise global, no sentido de observar o movimento libertário por toda Espanha republicana e sua resistência contra os golpistas franquistas numa perspectiva federalista, abordando temas classistas de aspecto internacional e sempre uma coluna sobre as atitudes da Generalitat que, em alguma medida, organizava a Frente Popular desde julho de 1936. O periódico representa mais uma tentativa de resgatar a língua catalã como a oficial para a região, como uma forma de empoderar o autonomismo catalão, porém sempre dentro da perspectiva do socialismo libertário, portanto, federalista e não nacionalista.

Sobre a tentativa de independência catalã de 1934, os dois mais importantes jornais anarquistas do período também se posicionaram. O artigo "Una presunción"¹⁹ do editorial de *Tierra y Libertad*, jornal oficial da FAI, define como oportunismo o gesto "aparentemente heróico" dos políticos da Generalitat, dadas as condições econômicas débeis dos industriais catalães após os eventos da crise de 1929. Diz ainda que o povo catalão sofre de "cegueira nacionalista", na medida em que seu sentimento independentista estava refém dos interesses de setores de "esquerda" proponentes da independência e estes – no caso a ERC – estavam associados á negócios burgueses. O mesmo jornal apresenta o artigo "El ódio a la F.A.I.",²⁰ no qual argumenta que o governo catalão odiava mais os anarquistas do que Madrid. Temendo que os sindicatos escondessem armas e articulassem ataques às instituições, os políticos da Generalitat criaram obstáculos para a recuperação de sedes (perdidas após a vitória da CEDA em Novembro de 1933) de sindicatos pelos delegados anarquistas. O artigo acusa ainda o governo de atuar em conjunto com a direita, nesse sentido.

¹⁹ Número 176 do jornal *Tierra y Libertad*, 11 de outubro de 1934, p.1. Disponível em: <<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Llibertaria/tierra%20y%20libertad/19340000/00176.pdf>>. Acesso em: 27 dez. 2017.

²⁰ *Ibidem*. p. 4.

O periódico de maior circulação na Catalunha, *Solidaridad Obrera*, tem críticas aos interesses dos republicanos catalães em diversos números.²¹

A edição de 2 de outubro de 1934²² expõe casos de diversos *ayuntamientos*²³ (prefeituras) governados pelos setores da ERC nos quais foram reprimidas com brutal violência movimentos grevistas organizados pelos sindicatos da CNT. Após um exame detalhado dos acontecimentos da greve geral revolucionária do dia 06 de outubro de 1934, o extenso editorial do número lançado 4 dias depois apresenta uma justificativa para sua participação passiva no evento: por questões de princípio não compactuavam com a participação de políticos da Generalitat no movimento, acusaram-nos de jacobinismo²⁴ e tinham desconfiança quanto aos dirigentes socialistas da UGT (PSOE) por um histórico mútuo de sectarismo, de disputa política no meio sindical e em virtude da participação da UGT em instâncias jurídicas institucionalizadas (*jurados mistos*).

Além disso, as diferenças no modelo de organização eram ideologicamente incompatíveis. No artigo do mesmo número intitulado "Ser y Hacer - afirmación imperativa de la personalidad humana", argumentavam que a individualidade é essencial para a construção do socialismo. O indivíduo é parte ativa dentro das massas, e por isso imperativa para a realização total do socialismo libertário (idéia

²¹ Em quase todos os números do ano de 1934 posteriores à data da Revolução, 6 de outubro, aparecem críticas à Generalitat, a Companys, aos socialistas e a toda a esquerda institucional. Em geral, o principal argumento é de que fracassou a revolução pois seus líderes a chamaram "de cima pra baixo" e não tiveram coragem de empunhar as armas junto com sua base de trabalhadores e populares. A mais sintética dessas críticas encontra-se no artigo "El fracasado golpe de estado de 'Estat catalá' há provado prácticamente que El sacrificio y El heroísmo no son prensa de ambiciosos y políticos". *Solidaridad Obrera*, número 937 de 14 de outubro de 1934. p. 4. Disponível em: <<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Llibertaria/Soli/19340000/19341014.pdf>>. Acesso em: 28 dez. 2017.

²² Disponível em: <<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Llibertaria/Soli/19340000/19341002.pdf>>. Acesso em: 04 jan. 2018.

²³ O artigo nomeado "Información de La región catalana" expõe vários desses casos. Um deles é o da cidade de Malgrat, denunciando a Esquerra Catalana sobre sua aliança com setores burgueses para reprimir greves operárias. *Ibidem*. p. 2.

²⁴ "No somos nosotros quienes más hemos contribuído a esse fenómeno difuso de las manifestaciones em serie. Pero esto no puede ser una satisfacción decisiva para nosotros. Máxime, cuando no hemos hecho todo cuanto podíamos haber hecho para contrarrestar la influencia del jacobinismo político (...) Se repartieron profusos manifestos en los que se estimulaba al pueblo a luchar en pro de la Republica catalana y contra el fascismo del Gobierno de Madrid." Número 933 de *Solidaridad Obrera*, de 10 de outubro de 1934. Disponível em: <<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Llibertaria/Soli/19340000/19341010.pdf>>. Acesso em: 04 jan. 2018

presente no assembleísmo das coletividades agrárias e comunas urbanas). É um argumento que também justifica a não participação da CNT nas jornadas e outubro de 1934: nesse aspecto, criticam o culto à personalidade das esquerdas marxistas (nas estrelinhas estão criticando o socialismo centralista e seu pior exemplo: o estalinismo) e fazem essa crítica como uma forma de ferramenta para analisar o fracasso da independência catalã de 1934, argumentando que essa vontade deveria ser antes das massas catalãs o que de seus líderes.

No número seguinte, de 11 de Outubro, o editorial faz apontamentos nesse mesmo sentido e os usam para explicar a derrota de Companys e ERC:

Lo que se proclamó como aspiración suprema de la revuelta - la República catalana - carecia de la necesaria fuerza magestiva para enrolar a las masas de la CNT. Frente al desborde agonizante del fascismo, que hace tabla rasa de la libertad en todos los países, la democracia es una fórmula engañosa, no una solución. El fascismo es un producto de la descomposición total que pone en peligro la vida del régimen y frente a él, solo cabe la revolución totalitaria que propugne forma de convivencia humanas.²⁵

E no próximo número de 12 de outubro:

Sacrificaron al Gobierno protector lo mejor que cada movimiento posee, aquello que constituye su fuerza vital: la idealidad. Hicieron de ella pública renuncia, al proclamar, como meta de sus aspiraciones, la República catalana. Y empuñaron las armas y aconsejaron lo mismo a los trabajadores, subordinándose y pretendiendo de éstos que, a su vez, se subordinaran a la "Esquerra". Todo movimiento que logra imponerse a la consideración general de las gentes, triunfe o fracase, brinda siempre un caudal de inesgotables enseñanzas. La verdadera experiencia la aprendieron los pueblos a través de los hechos consumados.²⁶

Em linhas gerais, o contexto político geral da Catalunha dos anos 1930 era de radicalismo e polarização política ativa e violenta, um terreno em que diversos projetos políticos e de sociabilidade estavam em disputa e eram objetivamente aplicáveis dependendo da vontade e disposição de seus atores. Numa ponta dessa

²⁵ *Solidaridad Obrera*. Número 934, de 11 de outubro de 1934. p. 1. Disponível em: <<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Llibertaria/Soli/19340000/19341011.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

²⁶ *Solidaridad Obrera*. Número 935, de 12 de outubro de 1934. p. 1. Disponível em: <<http://www.cedall.org/Documentacio/Prensa%20Llibertaria/Soli/19340000/19341012.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

situação de radicalidade política estavam trabalhadores sindicalizados organizados pelo anarquismo da CNT-FAI, frequentemente organizando greves e batalhas de rua contra a *Guarda Civil* e *Mozos de esquadra*, mas principalmente enfrentando diretamente a outra ponta, formada por militares dirigidos por latifundiários, católicos e conservadores organizados pela CEDA. Entre essas duas pontas, trotskistas, comunistas, socialistas, republicanos de esquerda, de direita e monarquistas. Esse contexto particular da Espanha da década de 1930 tem como principais características, a vivacidade, disposição violenta, a entrega revolucionária dos trabalhadores e sua proposta de criação de uma nova sociedade libertária e socialista, a ânsia pelo retorno de privilégios das classes dominantes, elementos que em geral estiveram presentes nos indivíduos que participaram da Guerra Civil.

O contexto dos anos 2010 e o anarquismo da CUP

As estruturas do Estado espanhol do século XXI são muito diferentes daquelas de 1934. É verdade que a Segunda República foi um ponto fora da curva na história espanhola – situados entre 57 anos de monarquia e quase 40 anos de ditadura, seis anos de uma República instável são irrisórios –, mas era, efetivamente, em seu conjunto, uma república democrática. Ainda que controlada pela direita reacionária, funcionava segundo leis republicanas: a CEDA fora eleita democraticamente.

A Espanha de hoje, ainda que seja uma monarquia constitucional com pluripartidarismo, carrega os resquícios da restauração monárquica promovida pelos 40 anos de franquismo golpista²⁷ e foi tratada como “armadilha”²⁸ para os

²⁷ Durante a chamada *Transição Democrática* “...o terrorismo de Estado (caso Scala, Vitória, 1976), a inércia de uma população desejosa de uma vida tranquila, conformista e tediosa, a pesada herança do franquismo mais contumaz e a irresistível tendência ao pacto político de partidos e sindicatos, desbarataram a possibilidade de uma ruptura radical com o antigo regime. Os pactos de La Moncloa certificaram o triunfo de uma burguesia democrático-liberal que perseguia o objetivo prioritário de desenvolver a estrutura econômica do país para facilitar sua integração nos grandes conglomerados de um capitalismo cada vez mais global (Mercado Comum, OTAN), conservando, no entanto, os fundamentos do Estado franquista e respeitando suas últimas vontades (monarquia, papel do exército, indivisibilidade da unidade territorial)”. SUÁREZ, Michel. **Considerações críticas sobre a Revolução Espanhola (1936-1937)**. Rio de Janeiro. Achaíme, 2012.

²⁸ A transição democrática na Espanha deveu-se mais a uma exigência externa em comunhão com suas elites: “Essa exigência por um sistema político democrático foi impulsionado pelas elites

setores políticos que aceitaram o pacto de *Transición Democrática* de finais dos anos 1970. Em troca da legalização dos partidos extintos desde 1936 e o retorno das instituições, as antigas lideranças das esquerdas, republicanas e socialistas, tal qual a direita, mantiveram, renovando-o, o conjunto dos aparelhos repressivos e das leis e tribunais de exceção da fase anterior:

La interpretación canónica del periodo de la transición, elaborado por la 'transitología', ve en ella el paradigma de una operación fundamentalmente política, negociada entre la oposición y las élites del régimen anterior (...) que defienden unos planteamientos intransigentes asados en la preservación de la esencia del régimen establecido en 1939.²⁹

O processo espanhol de transição para a democracia teria representado um modelo para aberturas democráticas em países que estavam em luta contra ditaduras militares (casos de países da América Latina) e num processo de emancipação da URSS (caso de países do Leste europeu). A criação acadêmica – ou “científica” – da noção de “modelo” representou um marco ideológico nas ciências humanas na passagem dos anos 1970 para os anos 1980 na Espanha, ou seja, “el discurso científico ha reforzado el discurso político”.³⁰ Esse fenômeno, chamado pela historiadora francesa Sophie Baby de “el mito de la transición”³¹, serviu para uma autocelebração do presente em vias de esquecer dois séculos de atraso político e tornar digerível a inserção do país na nova onda democrático-liberal que estava se consolidando nos marcos do neoliberalismo europeu. Uma espécie de

dominantes espanholas que se beneficiariam diretamente da entrada do país na CEE, principalmente por conta da crise internacional do petróleo, iniciada em 1973.” E ainda: “a monarquia constitucional foi apenas uma saída pacífica e neutralizadora da ditadura de Franco, visto que a partir dela foi possível impedir mudanças profundas na estrutura social e garantiu a presença espanhola nas CEE.” CARVALHO, Patrícia D. A transição democrática espanhola sob duas perspectivas historiográficas: a da transição finalizada e a da democracia incompleta. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., São Paulo, 2011. **Anais...** São Paulo: ANPUH, 2011. p. 2-5. Disponível em:

<http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300849065_ARQUIVO_PatriciaDyonisiodeCarvalho-texto.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2018.

Uma breve análise sobre esse processo pode ser lida em: <<https://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/a-transicao-espanhola-pos-franco>>. Acesso em: 07 dez. 2017.

²⁹ BABY, Sophie. **El mito de la transición pacífica**. Violencia y política en España (1975-1982). Madrid: Ediciones Akal, 2018. p. 21.

³⁰ *Ibidem*. p.20

³¹ *Idem*.

festa de família em que se esquecem os problemas em nome da confraternização e união de seus membros, representados respectivamente pela Constituição e pela Coroa, em nome da manutenção do controle desta última e das mesmas elites fortalecidas pelo franquismo, até os tempos atuais.³²

No entanto, neste século, vimos uma nova etapa das crises cíclicas do capitalismo, surgida em 2008. Na esteira dos movimentos resultantes da crise europeia desta década, especialmente a partir do movimento da “15-M” ou “Indignados” em 2011 na Espanha, uma forte onda de indignação prática tomou o cenário político do país nos últimos anos como, por exemplo, a formação e desenvolvimento meteórico do partido de esquerda “Podemos”. Em Valência e, especialmente, na Catalunha esse movimento de indignação geral entre a juventude reacendeu os ânimos por autonomia regional e fez crescer uma organização fundada em 1986 sobe a legenda de *Candidatura d’Unitat Popular*, a CUP. Declaradamente socialistas, são frequentemente associados ao anarquismo.

A formação da unidade independentista catalã – bloco de organizações que conquistaram o poder da Generalitat em 2016 sob a legenda de Junts Pel Sí (JxPSí)³³ contou com uma pluralidade de perspectivas políticas unidas pela pauta comum da Independência e teve como um de seus principais apoiadores na base popular catalã, a CUP. Notadamente com influências anarquistas, por seu caráter assembleísta, horizontal, anticapitalista, de delegações e candidaturas rotativas e freqüentes discussões de base sobre a maioria de suas pautas, a CUP tem feito parte ativa dos processos de discussão, consulta e eleição para a Independência catalã em diversos bairros da região metropolitana de Barcelona.

Entretanto, ainda que represente um ressurgimento do anarquismo como um movimento social de escala relevante, a CUP tem pouca correspondência com a atitude, com as ações e com o programa político dos anarquistas das primeiras

³² Ver CIUDAD, Daniel C. El relato canónico de la Transición. El uso del pasado como guía para el presente. **El Futuro del Pasado**: revista electrónica de historia, n. 4, p. 513-532, 2013. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4262303.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

³³ Composta pela já citada ERC, além da Convergência Democrática de Cataluña (CDC), Democratas de Cataluña, Moviment d’Esquerres, além de vários apoiadores, como a CUP.

décadas do século passado, menos ainda com aqueles que realizaram a Revolução de Julho de 1936³⁴ e resistiram por mais de três anos ao golpe franquista.

O Anarquismo Clássico Espanhol – em que pese suas contradições³⁵ no pós-revolução de Julho de 1936, como se verá mais adiante – se contrapunha frontalmente às instituições democrático-burguesas. A título de exemplo, Angel Pestaña, convidado por Maciá para compor a pasta de economia da 2ª República em 1931 negou veementemente o convite, aceito por Companys. O federalismo, o comunismo libertário, o anarcossindicalismo eram simultaneamente os meios e fins desses personagens, e outros meios parecer-lhes-iam estranhos.

Maurício Basterra,³⁶ num artigo lançado em 2017 pelo portal “Diagonal”,³⁷ comenta a utilização de uma declaração de 1919 do anarquista da CNT Salvador Seguí³⁸ que, o comparando com um dos dirigentes da CUP, David Fernàndez. Basterra, contrapõe a ideia de que havia no movimento anarcossindicalista catalão qualquer apoio á independência catalã, argumentando que a leitura da declaração de Seguí foi feita de forma enviesada para sustentar que Fernàndez bebe da tradição radical anarquista cenetista,³⁹ o que não procede. O historiador cita um trecho mais do discurso de Seguí no qual claramente ele ataca os independentistas acusando-os de pequeno-burgueses e dizendo que a repressão sobre os trabalhadores foi realizada com igual crueldade tanto pela *Guardia civil* como pelos *Mozos de escuadra*, ou seja, o estabelecimento de um Estado Catalão significaria igualmente repressão para o movimento anarcossindicalista.

³⁴ Sobre isso, as principais premissas do anarquismo espanhol da Revolução de Julho, estão basicamente expostas nas resoluções do Congresso da CNT de Zaragoza, realizado no 1º de Maio de 1936. Cf: Documentos y testimonios. In: JACKSON, Gabriel. **Entre la reforma y la revolución 1931-1939**. Barcelona: Crítica, 1980. p. 230-231.

³⁵ “Los comités dirigentes de la CNT se preocuparon más em los primeros momentos de combatir la contrarrevolución que de colectivizar los médios de producción (...) Em vez de elaborar uma alternativa propia, de aportar orientaciones precisas para la organización económica de las empresas, se incorporaron a los nuevos órganos de poder o a las instituciones gubernamentales que ya existían”. CASANOVA, Julian. **De la calle al frente: El anarcossindicalismo en España**. Barcelona: Crítica, 1997. p.162.

³⁶ Historiador anarquista madrileño.

³⁷ <<https://www.diagonalperiodico.net/la-plaza/anarcossindicalismo-catalan-no-era-independentista.html>>

³⁸ Pintor profissional, secretário geral da CNT catalã de 1918 até o ano de sua morte (1923), promoveu a educação racionalista de Francisco Ferrer y Guardia em ateneus libertários, grande referência na tentativa de unificar a classe operária espanhola (UGT e CNT).

³⁹ que diz respeito á ou que pertence/defende as posições da CNT.

A CUP, em seu programa, não corresponde a esses princípios clássicos. Antes, está mais associada a um modelo de organização e militância modernos do anarquismo de finais do século XX e principalmente desse século, classificados por Tomás Ibáñez⁴⁰ como “anarquismo extra-muros”, um conjunto de grupos autônomos anarquistas que não apenas abandonaram o horizonte da “revolução de massas” presente nos textos clássicos de Bakunin, Kropotkin, Malatesta, etc. como também acusa essa perspectiva de “escatológica”.⁴¹

A partir da Transição Democrática (1975-78), período em que a Espanha passava lentamente de uma ditadura para uma monarquia constitucional e retomava a monarquia constitucional, os partidos e organizações democráticas e de esquerda participaram tentando disputar o parlamento e, igualmente, os setores anarquistas voltavam à cena política do país, ainda que com uma relevância bem menor. Nesse contexto, em Barcelona, realizou-se um evento de três dias que aglutinou milhões de pessoas vindas de vários países europeus e da América Latina: as *Jornadas Libertárias Internacionales*. O evento, ocorrido em 1977, tirou como linha geral a não participação nos mecanismos da democracia burguesa, nem nenhuma de suas instituições políticas, especificamente falando das eleições e do parlamento, defendendo enfaticamente o anti-parlamentarismo e a construção da autogestão em bairros e a horizontalidade organizativa. Os debates, aqui, giravam quase sempre em torno desse horizonte revolucionário de massas, trazendo inclusive a recente experiência dos cordões industriais no Chile no período tensão civil e golpe (1971-1973). Apesar de contar também com a participação de setores do posteriormente chamado “anarquismo extramuros”, “neo-anarquismo” e “pós-anarquismo”,⁴² bastante influenciados pelos

⁴⁰ AUGUSTO, Acácio. Anarquismo contemporâneo, pós-anarquismo, neoanarquismo... Para travar neologismos. **Ecopolítica**, São Paulo, n. 10, p. 120-130, 2014. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/viewFile/21729/16008>>.

⁴¹ “El tufo mesiánico de una escatología que se esforzaba por supeditar la vida a la promesa de vivir, y por justificar todos los sufrimientos y todas las renunciaciones en nombre de una abstracción, estaba tan profundamente incrustado en este imaginario que bloqueaba el ejercicio de cualquier atisbo de pensamiento crítico. (...) las luchas que pretenden ser globales o totalizantes inspiran, más bien, cierto recelo porque son vistas como tendentes a reproducir, más tarde o más temprano, aquello mismo que pretenden combatir.” IBAÑEZ, Thomáz. **Anarquismo es movimiento: anarquismo, neoanarquismo y postanarquismo**. Barcelona: Virus, 2014. p. 32-34.

⁴² Ibidem.

acontecimentos do Maio Francês,⁴³ uma das principais linhas teóricas resultantes dos três dias de encontro se aproximavam mais do anarquismo clássico do início do século XX, apontando inclusive as críticas ao “ministerialismo” e burocratização das direções da CNT:

La gente se lanza a la calle llevando como estandarte la acción directa, y como objetivo la consecución de la revolución social. Para la gente de base no se trata, por consiguiente, de un mero rechazo u oposición al fascismo en ascensión, sino de la posibilidad de llegar a la realización del comunismo libertario. Sin embargo, al mismo tiempo que en la calle se suceden este orden de cosas —bajo iniciativa primordialmente de los anarquistas y anarcosindicalistas— los ministros del gobierno, incluidos los procedentes del campo anarquista (Federica Montseny y García Oliver) están haciendo lo posible para frenar o estabilizar —hacia la derecha— el movimiento espontáneo de las masas. Freno que se hará tangible mediante el Decreto de colectivizaciones promulgado (arrancado dicen algunos al gobierno de Catalunya) por la Generalitat y el establecimiento del ejército regular y jerárquico que venía a sustituir a las Milicias populares antifascistas, de espíritu revolucionario.⁴⁴

Um fato interessante é o de que o nome “Unitat Popular” que compõe a sigla da CUP é uma referência ao movimento que defendia a permanência de Allende durante os anos de sua gestão que antecederam o golpe de Pinochet em setembro de 1973, ou seja, uma unidade de setores progressistas e de esquerda contra a ameaça fascista e golpista. *Unidad Popular* contra as direitas, algo que aconteceu também em 1936 com a Frente Popular, mas por razões muito diferentes e num contexto revolucionário.

Portanto, a postura e a atividade política da CUP enquadram-se muito mais no escopo de movimentos anarquistas ditas “extra-muros”⁴⁵ do que especificamente represente uma continuidade lógica do anarquismo espanhol das décadas iniciais do século XX. Os princípios de organização de base:

⁴³ O movimento conhecido como Maio de 68, não foi anarquista, porém “inauguró, sin embargo, una nueva radicalidad política que sintonizaba con la tozuda obsesión del anarquismo de no reducir al solo ámbito de la economía y de las relaciones de producción la lucha contra los dispositivos de dominación, contra las prácticas de exclusión o contra los efectos de estigmatización y de discriminación.” Ibidem. p.19,20.

⁴⁴ Barcelona Libertaria - Número 1 - 23 de Julio de 1977. Disponível em: <<http://www.cedall.org/Documentacio/Articles/Barcelona%20Llibertaria/n.23.pdf>>. Acesso em: 22 dez. 2017.

⁴⁵ IBAÑEZ, Thomáz. Op. Cit.

horizontalidade, assembleísmo, rotatividade e revogabilidade de representantes, etc., ainda que correspondentes ao anarquismo espanhol clássico, não são suficientes para que se diga que a CUP é herdeira da CNT-FAI na medida em que esta contém princípios basilares que aquela abandona, como o classismo, ou guerra de classes, a violência revolucionária, ação direta e propaganda pelo ato além de, principalmente, o anti-parlamentarismo. Mas o que salta aos olhos em relação às atitudes e proposições da CUP em comparação com os anarquistas cenetistas, faístas e mesmo treintistas⁴⁶ do século passado é o ponto que diz respeito à conciliação de classes: a CUP veicula em seus materiais diversas vezes a bandeira “escombrem-los todos”⁴⁷ (varramo-los todos), mas atua no parlamento ombro a ombro com setores empresariais e latifundistas, em outras palavras, faz política junto com a classe burguesa, algo absolutamente impensável para os anarquistas de 1934.

Como afirma Ibañez acerca desses novos anarquismos de finais do século XX e desse século, podemos dizer que a CUP faz parte de um conjunto de movimentos que rompe com as “fronteiras” do anarquismo clássico:

Si hay algo que llama poderosamente la atención cuando se observa el anarquismo contemporáneo es, sin duda alguna, su importante expansión fuera de las fronteras del movimiento anarquista. (...) Esta expansión del anarquismo al exterior de sus fronteras no solo es de mayor entidad que em el pasado, sino que también presenta aspectos um tanto diferentes.⁴⁸

É possível afirmar nesse sentido, que, ainda que contenha essa influência do anarquismo “extra-muros”, a CUP tem aparentemente certa correspondência com

⁴⁶ Corrente de anarquistas que defendiam uma atuação minuciosa das direções da CNT. Considerados “possibilistas”, reformistas e até burocratas pelos setores mais radicais liderados pela FAI, os treintistas defendiam que a revolução deveria ser preparada e organizada através da educação. Logo após uma série de greves gerais que explodiram logo após a vitória dos Republicanos em 1931, foi lançado o “Manifesto de los Treinta”.

⁴⁷ A charge mostra uma mulher, provavelmente sua principal liderança, Anna Gabriel, varrendo o rei espanhol Felipe VI, o premier Rahoy, o neoliberal José Aznar Lopes e outros funcionários do governo espanhol do território catalão. Disponível em: <https://www.vozpopuli.com/2017/08/10/politica/Cartel-campana-Barramoslo-AlertaSolidaria_1052604794_8889810_660x812.jpg>.

⁴⁸ IBAÑEZ, Thomáz. Op. Cit., p. 24-25.

os postulados do estadunidense Murray Bookchin,⁴⁹ autor que em um de seus mais destacados textos⁵⁰ criticou duramente esses novos anarquismos descolados das questões de classe, de movimentos sociais e populares. Entretanto, ele mesmo atravessa também uma dessas “fronteiras” do anarquismo clássico e admite a participação de anarquistas em instituições políticas municipais, assumindo funções de vereadores e de deputados e participando de eleições, argumentando que não há contradições com seus princípios.⁵¹

A CUP funciona no espectro municipal, horizontal, ecológico, com organização de base em bairros, sindicatos e movimentos sociais e se utiliza do método assembleísta, usando a ferramenta institucional – indo de encontro à

⁴⁹ É bastante pertinente levantar aqui a relevância desse autor, na medida em que ele representa a base teórica de um dos movimentos revolucionários mais radicais atualmente que aderiram à proposta municipalista: o movimento curdo por independência e autonomia, materializado no PKK (Partido dos Trabalhadores Curdos) e, especificamente, na formação do YPG (Brigadas de Proteção do Povo) e YPJ (Brigadas de Proteção das Mulheres), organismos que também bebem das propostas de assembleísmo e democracia de base propostas por Bookchin. Abdullah Öcalan, na última virada de século, absorveu suas teses e aplicou-as para a questão curda, o que ficou denominado como “Confederalismo Democrático”. Sobre isso, ver ÖCALAN, A. **Libertando a vida: A revolução das mulheres**. São Paulo: Fundação Lauro Campos, 2016; COMITÊ DE SOLIDARIEDADE À RESISTENCIA POPULAR CURDA DE SÃO PAULO. *Confederalismo Democrático: organizando uma sociedade sem Estado*. In: TERRA LIVRE. **Şoreşa Rojavayê: Revolução, uma palavra feminina**. Terra Livre: São Paulo, 2016.

⁵⁰ Ver Anarquismo social ou anarquismo estilo de vida: um abismo intransponível. In: BOOKCHIN, Murray. **Anarquismo: crítica e autocrítica**. São Paulo: Hedra, 2011.

⁵¹ A esse respeito, a obra de Bookchin relativiza (ou talvez “moderniza”) um princípio central para o anarquismo clássico cenetista, que é o da participação em instituições políticas estatais no nível local, especificamente no plano municipal: “Para os anarquistas, candidatar-se às eleições... sim, usemos a palavra abertamente - tendo em vista a reformulação das cartas cívicas das cidades e vilas americanas na linha deste programa, não é diferente, em princípio, do que candidatar-se nos sindicatos e locais de trabalho com vista a criar estruturas anarco-sindicalistas. A diferença de situações não é sobre o ponto dos anarquistas se candidatarem a “eleições” ou se envolverem na política. A diferença real está em se o terreno do seu “elitismo” e da sua “política” se situa na esfera estatal ou na esfera social. O argumento sindicalista tradicional de que é perfeitamente válido os libertários apresentarem-se às eleições no local de trabalho e nos sindicatos, assenta no pressuposto duvidoso de que este terreno está fora do aparelho de estado e permanece uma arena revolucionária. Perante a crescente interrogação posta pelas realidades, eles mantêm a afirmação de que o local de trabalho e os sindicatos, como organizações de classe, não são nem instituições burguesas nem estatais. Encerrar a discussão sobre estas propostas com o argumento de que as atividades cívicas são uma capitulação perante a política burguesa é ignorar realidades muito fortes sobre a própria esfera cívica - ou, para usar termos mais tradicionalmente anarquistas, sobre a esfera comunitária. Como resultado disto, aparências como ‘eleições’, ‘deputados’, e ‘coordenação’ são tirados do contexto no qual ganham todo o sentido e conteúdo. Tornam-se termos autônomos e flutuantes que determinam uma política sem discernimento nem a matéria da realidade.” BOOKCHIN, Murray. **Para um novo municipalismo**. Disponível em: <<https://www.nodo50.org/insurgentes/textos/autonomia/11novomunicipalismo.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

defesa de participação de anarquistas em eleições burguesas –⁵² com esquema de delegação rotativa e destituível, características defendidas por Bookchin:

A redescoberta e o desenvolvimento da política deve tomar por ponto de partida o cidadão e seu meio ambiente imediato para além da família e da esfera de sua vida privada. Não pode haver política sem comunidade. E, por comunidade, entendo uma associação municipal de pessoas reforçada por seu próprio poder econômico, sua própria institucionalização dos grupos de base e apoio confederal de comunidades similares organizadas no seio de uma rede territorial em escala local e regional.⁵³

Ainda o autor, em relação ao assembleísmo e o poder descentralizado:

La supremacía de la asamblea, como fuente de política por encima de cualquier organismo administrativo, es la única garantía, dentro de la existencia individual, para que prevalezca la política sobre el estatismo. Este grado perfecto de supremacía tiene una importancia crucial dentro de una sociedad que contiene expertos y especialistas para las operaciones de la maquinaria social; mientras que el problema del mantenimiento de la preponderancia de la asamblea popular sólo se presenta durante el período de tránsito de una sociedad administrativamente centralizada hacia una sociedad descentralizada.⁵⁴

Isaac Arriaza, sociólogo e simpatizante da CUP, defende essa aproximação entre as propostas da organização e as ideias de Bookchin.⁵⁵ Conforme aponta Jonathan Durand Folco, sobre o potencial do ecossocialismo municipal, de Bookchin acerca do poder local têm dado bases teóricas para novos movimentos sociais de particular importância para a democracia popular, de base, incluindo a CUP:

⁵² Idem.

⁵³ E acerca da democracia de base: "O único meio de reconstruir a política é começar por suas formas mais elementares: as aldeias, as vilas, os bairros, as cidades onde as pessoas vivem no nível mais íntimo da interdependência política para além da vida privada. É também a esse nível que elas podem ultrapassar a insularidade privada em nome do valor da interioridade e do isolamento - e inventar instituições públicas que tornam possível a participação e a co-gestão de uma comunidade ampliada" BOOKCHIN, M. O Municipalismo Libertário. In: BOOKCHIN, M.; BOINO, P.; ENCKELL, M. **O Bairro, a Comuna e a Cidade: espaços libertários**. Imaginário: São Paulo, 1999. p. 19-20.

⁵⁴ BOOKCHIN, M. **6 Tesis sobre Municipalismo Libertario**. 1984. Disponível em: <<http://www.enxarxa.com/biblioteca/BOOKCHIN%206%20tesis%20sobre%20municipalismo%20libertario.pdf>>. Acesso em: 19 jul. 2018.

⁵⁵ Ver ARRIAZA, Isaac. **El municipalisme radical, un esforç col·lectiu per a la transformació social**. 2015. Disponível em: <<http://populaction.com/politique-par-le-bas-et-municipalisme-en-catalogne-la-cup-organisation-politique-assembleariste/>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

O municipalismo libertário de Murray Bookchin, o socialismo municipal de Paul Brousse, o "projeto local" da escola Territorialista, iniciativas de cidades em transição, o movimento de decrescimento amigável (...) experimentos políticos em cidades catalãs nos mostram o caminho. (...) Novos grupos políticos como o Podemos, na Espanha, e a Candidatura, da Unitat Popular, e o Guanyem Barcelona, na Catalunha, pretendem "recuperar" as instituições públicas e colocá-las de volta nas mãos dos cidadãos. Esta é a luta contra a corrupção na política "de-profissionalizante", incluindo o compromisso dos candidatos a respeitar um rigoroso código de ética, funcionários eleitos devem ser transparentes em todos os seus rendimentos e fazer publicar suas agendas profissionais. Eles não poderão trabalhar para setores privados com os quais estiveram em contato por cinco anos após o término de seu mandato.(...) ...o direito de iniciativa popular, revogabilidade dos eleitos, os júris de cidadãos, conselhos de bairro com poder de decisão, uma série de mudanças e mecanismos de democracia direta poderia ser experimentado no nível municipal antes de ser generalizada a todo o corpo político.⁵⁶

Em todo caso, a CUP é uma organização de nível regional, mais amplo do que o que Bookchin propõe. E, se levarmos em consideração o projeto de autodeterminação catalã, o nível de atuação da CUP pode ser considerado mesmo "nacional", ainda que pautada a sua organização no nível municipal. Os princípios da CUP nesse sentido estão expressos na seção "Municipalismo" de seu portal⁵⁷ on-line:

(...) Os municípios são uma área chave para estruturar a pressão popular pela ruptura democrática e também pode ser a canalização de

⁵⁶ "Le municipalisme libertaire de Murray Bookchin, le socialisme municipal de Paul Brousse, le « projet local » de l'école territorialiste, les initiatives des villes en transition, le mouvement pour la décroissance conviviale, les fiducies foncières communautaires en milieu rural et urbain, ou encore les expérimentations politiques dans les villes catalanes, nous montrent la voie.(...) Des formations politiques nouveau genre comme Podemos, en Espagne, ou Candidatura d'Unitat Popular et Guanyem Barcelona, en Catalogne, visent précisément à « récupérer » les institutions publiques pour les remettre entre les mains des citoyens. Il s'agit de lutter contre la corruption en « dé-professionnalisant » la politique, notamment par l'engagement des candidats à respecter un code d'éthique strict : « les élus municipaux devront être transparents sur l'intégralité de leurs revenus et rendre publics leurs agendas professionnels. Ils ne pourront pas travailler, dans les cinq ans suivant la fin de leur mandat, pour des secteurs du privé avec lesquels ils ont été en contact. La charte prévoit aussi de limiter la durée dans le temps du travail d'un élu (mais la période maximale de huit ans, fixée par certains, ne fait pas consensus) et veut aussi plafonner les salaires des élus[3] ». Référendums, droit d'initiative populaire, révocabilité des élus, jurys citoyens, conseils de quartier avec pouvoir décisionnel, une foule de changements et de mécanismes de démocratie directe pourraient être expérimentés à l'échelle municipale avant d'être généralisés à l'ensemble du corps politique" FOLCO, Jonathan D. Le Potentiel de l'écosocialisme municipal. DOSSIER: Halte au capitalisme vert. Disponível em: <<http://cjf.qc.ca/revue-relations/publication/article/le-potentiel-de-lecosocialisme-municipal/>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

⁵⁷ <<http://cup.cat/municipal>>.

estratégias desobedientes. Eles também são uma área chave para a acumulação de forças. Eminentemente, eles são espaços para ligar os diferentes territórios da nação.⁵⁸

Na seção que trata das organizações locais e participação institucional da militância da CUP – De um total de 143 municípios a CUP tem 361 deputados eleitos – há uma declaração de seus princípios que se aproximam bastante também das teses do anarquista estadunidense:

A CUP é uma organização de assembléia política municipal e nacional, que se espalha pelos países catalães e trabalha por um país independente, socialista, ecológico, territorialmente equilibrado e separado das formas de dominação patriarcal. Por meio de suas assembléias locais, a CUP está presente em diferentes municípios, onde desenvolve ações políticas dentro e fora das instituições locais. Apesar do escopo limitado das prefeituras, a CUP trabalha as possibilidades de modificar os atuais municípios regionalistas e construir um projeto de país baseado nos municípios como o espaço mais próximo das pessoas. A CUP trabalha nas instituições municipais e supra-municipais para desenvolver os eixos da Unidade Popular, sejam ou não representados. Este trabalho é ativo, transparente, vocacional e radicalmente democrático, a fim de devolver as instituições políticas às classes populares.⁵⁹

Nossas considerações

A CNT não deixou de abandonar esse mesmo postulado basilar do anarquismo clássico – o da não participação em instituições republicano-burguesas – e incorreu em uma atitude similar, quando indicou quatro de seus mais notáveis militantes para participar do governo da Frente Popular como

⁵⁸ No Original: “ (...) Els municipis són un àmbit clau des del qual estructurar la pressió popular per a la ruptura democràtica i poden ser-ho també per a la canalització d’estratègies desobedients. Són també un àmbit clau per a l’acumulació de forces. Eminentment, són espais des dels quals vincular els diferents territoris de la nació.”

⁵⁹ No original “La CUP és una organització política assembleària d’àmbit municipal i d’abast nacional, estesa arreu dels Països Catalans i que treballa per un país independent, socialista, ecològic, erritorialment equilibrat i deslligat de les formes de dominació patriarcal. A través de les seves assemblees locals, la CUP és present actualment a diferents municipis, on hi desenvolupa acció política a dins i a fora de les institucions locals. Malgrat el limitat marge d’acció dels ajuntaments, la CUP treballa sobre les possibilitats de modificar l’actual municipalisme regionalista i bastir un projecte de país basat en els municipis com a espai més proper a les persones. La CUP treballa a les institucions municipals i supramunicipals per tal de desenvolupar els eixos de la Unitat Popular, tingui o no representació. Aquest treball és actiu, transparent, vocacional i radicalment democràtic, per tal de retornar les institucions polítiques a les classes populars.” Disponível em: <<http://cup.cat/municipal/lluita-institucional>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

ministros⁶⁰ logo após o triunfo da Revolução de Julho de 1936. Porém, as diferenças de contexto que são bastante diferentes e, quando se compara os anos 1930 com as da nossa década, torna difícil enxergar uma continuidade histórica entre, por exemplo, uma figura como Frederica Montseny e a professora universitária Anna Gabriel Sabaté – guardadas as proporções de peso político que existem entre uma ministra da República e uma deputada local.

Dito de outra forma: a participação dos anarquistas cenetistas como ministros no governo de 1936 figurou mais como um abandono do programa político que defenderam historicamente – alguns acusaram diversas vezes como uma “traição” –⁶¹ do que parte constitutiva de seu próprio programa, como é o caso da CUP. O agrupamento “Los Amigos de Durruti”⁶² provavelmente faria críticas duríssimas sobre a atitude da CUP atualmente, talvez questionando seu anarquismo. Sua crítica à CNT foi dura, porém não deixaram de reconhecer o anarquismo da confederação.

Aparentemente o mesmo dilema colocado para os anarquistas do século passado – fortalecer o antifascismo junto aos setores burgueses, ou manter com firmeza o processo revolucionário até suas últimas consequências – não está ocupando a cabeça dos dirigentes da CUP da mesma forma, talvez sequer seja um dilema. Não há questionamento sobre o que priorizar: a luta contra o sistema capitalista neoliberal e/ou contra a Madrid ou a proposta de rompimento violento com o Estado e o Capital. Esse debate deu lugar a uma forma pacífica de

⁶⁰ O fenômeno do Ministerialismo foi a entrada de destacadas lideranças anarquistas - Frederica Montseny, García Oliver, Diego Abad Santillán e Juan Peiró - para o Governo de Frente Popular em Agosto de 1936. O cerne do debate dos anarquistas sobre a questão do poder político na Espanha passa inevitavelmente por esse fenômeno.

⁶¹ Ver AMORÓS, Miguel. **La revolución traicionada**: La verdadera historia de Badius e de los amigos de Durruti. Barcelona: Virus, 2003.

⁶² “Los Amigos de Durruti” foram um agrupamento que se manteve firme ao programa de Zaragoza de 1º de Maio de 1936, frequentemente revisado pela direção majoritária da CNT. Formou-se poucos dias após a morte de Buenaventura Durruti, reivindicando durante toda a sua existência a Revolução Social como ponto principal da luta dos anarquistas espanhóis e argumentando que a luta Antifascista – justamente por prever a aliança com setores burgueses e estalinistas – representou um rebaixamento do programa original e a principal causa da derrota do processo revolucionário, tal como a causa da burocratização da CNT. Ver: FONTENIS, Geroges. **El Mensaje Revolucionario de Los Amigos de Durruti**. Disponível em: <<http://www.cgtmurcia.org/cultura-libertaria/anarkobiblioteca/memoria-libertaria/de-1910-a-1939/1819-el-mensaje-revolucionario-de-los-amigos-de-durruti>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

manifestação, por mais que tenham se mantido os princípios de organização de base, horizontalidade e assembleísmo.

A CUP, fazendo coro com as propostas dos grupos independentistas do JxSí, apostam nas táticas de desobediência civil⁶³ e resistência pacífica, algo bastante diferente da cultura libertária dos anarquistas espanhóis das cerca de sete décadas que compõe o período desde a fundação das primeiras seções da internacional nos anos 1860 até a vitória dos golpistas em 1939. O tipo de anarquismo da CUP admite a luta anticapitalista á partir das instituições das prefeituras municipais e sem necessidade do uso da violência.

Há setores do anarquismo catalão que se põe em dúvida acerca dessa atitude da CUP e polemizam sobre a participação de seus membros em instituições políticas estatais,⁶⁴ assim como acerca da posição da CNT⁶⁵ de chamar paralisações junto a outras centrais (UGT e CCOO) em apoio a independência catalã. Eles questionam se é válida a proposta de formação de um novo Estado porque, por exemplo, os *Mozos de Escuadra* representam uma força repressiva estatal tão ou mais truculenta do que a *Guardia Civil*. Tal qual os anarquistas espanhóis “clássicos” da CNT-FAI, existem pequenos grupos anarquistas na Catalunha, oriundos de squats e organizações de ação direta que não admitem absolutamente nenhuma ação pareada ou incorporada às instituições estatais.

Em linhas gerais podemos concluir que não existe correspondência direta entre o anarquismo cenetista e os atuais anarquistas da CUP, como quis David Fernández comparando-se a Seguí, os veteranos socialistas de Sevilla,⁶⁶ ou como

⁶³ Conceito e princípio político do inglês Henry David Thoreau, sistematizado em seu texto mais conhecida “A Desobediência Civil”, influenciou M. Ghandi e a Independência Indiana contra o imperialismo inglês. Tem sido a principal atitude dos independentistas catalães, incluindo a maior parte da CUP.

⁶⁴ Uma interessante discussão pode ser observada nos depoimentos apresentados pelo portal El Coyote no artigo “Anarquistas no referendo catalão: três perspectivas das ruas de Catalunha”, de 27 out. 2017: <<http://elcoyote.org/anarquistas-no-referendo-catalao-tres-perspectivas-das-ruas-da-catalunha/>>. Acesso em: 08 nov. 2017.

⁶⁵ A posição da CNT sobre a independência da Catalunha segue fiel ao programa revolucionário que sempre defenderam, apesar de ter uma base operária extremamente reduzida atualmente. Ver: <https://www.anarkismo.net/article/30617?search_text=catalunya>. Acesso em: 12 dez. 2017.

⁶⁶ “La CUP tiene una base claramente anarquista en los principios que defiende y en sus forma de organizarse y comportase, con ella es como si hubiese rebrotado la esencia de aquellos movimientos anarquistas del primer tercio del siglo XX, aunque con algunas peculiaridades propias de una sociedad del siglo XXI.” Disponível em:

querem amplos setores da mídia dispostos a difamar o anarquismo como um todo enquadrando-o dentro da esfera do terrorismo. Em primeiro lugar porque sequer a CNT participou com suas bases do penúltimo processo de independência catalã mais radical em Outubro de 1934, por diversas razões, mas principalmente em nome de disputas sindicais entre ela e UGT. Em segundo lugar porque o contexto de 1934, apesar de radicalizado e politizado, estava mais centrado em aspectos sócio-econômicos da classe trabalhadora no geral. Havia partidos e organizações políticas independentistas legitimamente representados na Generalitat, bem como havia também o sentimento de nacionalidade e pertencimento entre parte considerável do povo catalão, entretanto o que ocorreu em Outubro de 1934 foi antes um movimento revolucionário de trabalhadores do conjunto da Espanha (que incluiu, entre eventos em outras províncias, a organização de uma Comuna nas Astúrias) do que um levante popular catalão⁶⁷ em nome de sua independência. Por isso os editoriais anarquistas acusavam a ERC de “jacobinismo” político.

O contexto independentista atual, surgido na segunda década desse século, tem contornos muito mais fortemente independentistas do que socialistas libertários e/ou movidos por contradições entre capital e trabalho. Prevalecem hoje os aspectos políticos e culturais da Catalunha independentista. Prova disso é a duração e a impressionante resistência do atual movimento, encabeçado pelo JxSí e organizado majoritariamente nas bases pela CUP desde 2011, muito maiores do que daquele movimento de 1934, que durou poucos dias e surfou na onda de uma greve geral cuja organização e articulação os independentistas não tinham responsabilidade alguma.

Em relação à CUP, sua formação enquanto tendência de organização de base e disputa parlamentar é, em grande medida, uma novidade para a tradição do

<<https://senatustrianae.wordpress.com/2017/02/05/candidatura-de-unidad-popular-la-cup/>>. Acesso em: 03 dez. 2017.

⁶⁷ Nesse sentido talvez, a *Unió de Rabassaires* (grupo de trabalhadores agrícolas catalães que reivindicavam o acesso à propriedade da terra) tenha sido o principal setor que apoiou a causa independentista, porém por questões particulares, na medida em que o principal motor popular que fortaleceu o processo foi mais a Lei de Contratos de Cultivo do que a Greve General Revolucionária de 5 e Outubro. Ver o artigo de Jesús Nieto Jurado, “Aquel octubre en que se proclamó el Estado Catalán y duró 10 horas.” Disponível em: <https://www.elespanol.com/reportajes/grandes-historias/20170707/229478033_0.html>.

anarquismo espanhol e para o anarquismo em geral, tal qual apontado por Thomáz Ibañes.

Se comparada com o *modus operandi* da CNT-FAI dos anos 1930, parece que falta á CUP um objetivo finalista, como por exemplo a já citada “revolução totalizante” que os cenetistas defendiam em seus periódicos. Em toda a plataforma política⁶⁸ da CUP não há um ponto que se aproxime dos objetivos finalistas do anarquismo espanhol clássico, sequer da vertente dita reformista dos *trientistas*.

Portanto, podemos dizer de modo bastante incipiente que se trata de duas formas diferentes de anarquismo e com propostas de funcionamento diferentes, frutos de contextos históricos bastante diferentes, assim como a relação entre anarquismo e movimento independentista é bastante diferente entre elas também, inclusive são posições opostas. A suposição de uma continuidade histórica, da existência de um fio condutor entre CUP e CNT é bastante questionável.

Referências

AMORÓS, Miguel. **La revolución traicionada**: La verdadera historia de Balias e de los amigos de Durruti. Barcelona: Virus, 2003.

AUGUSTO, Acácio. Anarquismo contemporâneo, pós-anarquismo, neoanarquismo... Para travar neologismos. *Ecopolítica*, São Paulo, n. 10, p.120-130, 2014. Disponível em:

<<https://revistas.pucsp.br/index.php/ecopolitica/article/viewFile/21729/16008>>.

BABY, Sophie. **El mito de la transición pacífica**. Violencia y política en España (1975-1982). Madrid: Akal, 2018.

BAKUNIN, Mikhail. **Federalismo, Socialismo e Antiteologismo**. São Paulo. Cortez, 1988.

BOOKCHIN, Murray. **6 Tesis sobre Municipalismo Libertario**. 1984. Disponível em:

⁶⁸ Ver: <<http://cup.cat>>.

<<http://www.enxarxa.com/biblioteca/BOOKCHIN%206%20tesis%20sobre%20municipalismo%20libertario.pdf>>. Acesso em: 19 jun. 2018

____. **Anarquismo: crítica e autocrítica**. São Paulo: Hedra, 2011.

____. O Municipalismo Libertário. *In*. BOOKCHIN, M.; BOINO, P.; ENCKELL, M. **O Bairro, a Comuna e a Cidade: espaços libertários**. São Paulo: Imaginário: 1999.

CARVALHO, Patrícia D. **A transição democrática espanhola sob duas perspectivas historiográficas: a da transição finalizada e a da democracia incompleta**. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 26., São Paulo, 2011. **Anais...** São Paulo: ANPUH, 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300849065_ARQUIVO_PatriciaDyonisiodeCarvalho-texto.pdf>. Acesso em: 06 jan. 2018

CASANOVA, Julian. **De la calle al frente: El anarcosindicalismo em España**. Barcelona: Crítica, 1997.

CIUDAD, Daniel C. **El relato canónino de la Transición**. El uso del pasado como guía para el presente. **El Futuro del Pasado**: revista electrónica de historia, n. 4, p. 513-532, 2013.

COMITÊ DE SOLIDARIEDADE À RESISTENCIA POPULAR CURDA DE SÃO PAULO. Confederalismo Democrático: organizando uma sociedade sem Estado. *In*: TERRA LIVRE. **Şoreşa Rojavayê: Revolução, uma palavra feminina**. São Paulo: Terra Livre, 2016

EALHAM, Chris. **Class, Culture and Conflict in Barcelona 1898 - 1937**. Nova York: Routledge, 2005.

FONTENIS, George. **El mensaje revolucionario de los Amigos de Durruti**. Disponível em: <<http://www.cgtmurcia.org/cultura-libertaria/anarkobiblioteca/memoria-libertaria/de-1910-a-1939/1819-el-mensaje-revolucionario-de-los-amigos-de-durruti>>. Acessado em 20/12/2017. Acesso em: 20 nov. 2017.

IBAÑEZ, Thomáz. **Anarquismo es movimiento: anarquismo, neoanarquismo y postanarquismo**. Barcelona: Virus, 2014.

JACKSON, Gabriel. **A República Espanhola e a Guerra Civil (1931-1939)**. 3 ed. Castelo Branco, Portugal: Publicações Europa-America, 1965.

LIMA, Alonso G. S. A história comparada: potencialidades e limitações. **Revista História Social**, Campinas, n. 13, p. 23-37, 2007. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/208>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

ÖCALAN, A. **Libertando a vida: A revolução das mulheres**. São Paulo: Fundação Lauro Campos, 2016.

RAMA, Carlos M. **La crisis española del siglo XX** Montevideo: Fondo de Cultura conómica, 1960.

RANERO, José M. L. A propósito del desafío independentista en Cataluña: un análisis de la participación en las elecciones autonómicas catalanas (2006-2015). **RIPS**. Revista de Investigaciones Políticas y Sociológicas, Santiago de Compostela, v. 16, n. 2, p. 111-141, 2017.

SCHIMIDT, Michael; VAN DER WALT, Lucien. **Imperialismo e libertação nacional**. ITHA – Instituto de Teoria e História do Anarquismo. Disponível em: <<https://ithanarquista.files.wordpress.com/2015/04/michael-schmidt-e-lucien-van-der-walt-imperialismo-e-libertac3a7c3a3o-nacional.pdf>>.

SUÁREZ, Michel. **Considerações críticas sobre a Revolução Espanhola (1936-1937)**. Rio de Janeiro: Achaíme, 2012.

Links consultados

<<http://www.publico.es/sociedad/agresiones-ultras-masiva-asistencia-manifestacion-antifascista-valencia-espanto-ultras.html>>.

<<http://madrid.cnt.es/historia/la-cnt-en-la-actualidad/>>.

<<http://www.cnt.es/noticias/comunicado-conjunto-de-cnt-cgt-y-solidaridad-obrera-ante-la-situación-en-catalunya>>.

<<http://lasoli.cnt.cat/22/10/2017/opinion-esperando-big-bang/>>.

<<http://spaincrisis.blogspot.com.br/2017/05/noruega-favor-de-que-catalunya-sea-de.html>>.

<<http://spaincrisis.blogspot.com.br/2013/02/catalunya-estara-en-la-efta.html>>.

<<https://spanienkaputt.wordpress.com/2013/02/28/catalunya-estara-en-la-efta/>>.

<<https://www.dolcatalunya.com/2014/05/aviso-para-separatas-la-efta-es-de-tercera-division/>>.

<http://www.flti-ci.org/catalunya/2017/octubre/catalunya9oct2017_rec2.html>.

<<http://www.flti-ci.org/catalunya/2017/octubre/catalunya9oct2017.html>>.

<<http://www.laopiniondemurcia.es/murcia/2017/10/26/enfrentamiento-soterramiento-obliga-parar-pleno/870171.html>>.

<<http://www.elmundo.es/la-aventura-de-la-historia/2015/09/21/55fff4caca4741491d8b458f.html>>.

<https://elpais.com/diario/1993/07/25/espana/743551213_850215.html>.

<<http://www.ecorepublicano.es/2017/09/la-proclamacion-de-lluis-companys-en.html>>.

<<https://laverdadofende.blog/2013/05/26/companys-y-el-golpe-de-estado-declara-la-independencia-de-cataluna-1934/>>.

<<http://www.beersandpolitics.com/discursos/lluis-companys/120>>.

<http://www.abc.es/historia/abci-general-tarragona-acabo-falsa-republica-catalana-proclamada-ilegalmente-1934-201710051946_noticia.html>.

<https://www.elespanol.com/reportajes/grandes-historias/20170707/229478033_0.html>.

<<http://www.irla.cat/expocompanys/etapa09.pdf>>.

<<http://hemeroteca.lavanguardia.com/preview/1934/10/09/pagina-6/33155298/pdf.html>>.

<<https://senatustrianae.wordpress.com/2017/02/05/candidatura-de-unidad-popular-la-cup/>>.

<<http://elcoyote.org/anarquistas-no-referendo-catalao-tres-perspectivas-das-ruas-da-catalunha/>>.

<<http://www.lanacion.com.ar/2068483-la-burguesia-y-los-anarquistas-la-alianza-que-impulsa-el-separatismo-catalan>>.

<<http://www.agenciaincat.la/?p=18273>>.

<<http://www.agenciaincat.la/?p=37212>>.

<<http://comopunos2.blogspot.com.br/2017/10/otra-vez-los-anarquistas-Catalunya-CUP-.html>>.

<<http://comopunos2.blogspot.com.br/2017/10/la-amarga-republica-de-catalunya.html>>.
<<https://www.diariocritico.com/tag/cataluna>>.
<<http://electomania.es/catalunya-se-plantearia-integrarse-en-la-efta/>>.
<<http://www.publitika.info/single-post/2017/10/07/La-EFTA-la-alternativa-de-Catalunya-la-Union-Europea>>.
<<https://ferransala.com/2017/10/03/noruega-a-favor-de-que-catalunya-sea-de-la-efta-y-en-contra-de-que-el-reino-unido-entre/>>.
<<http://cup.cat/noticia/la-cup-cc-avanca-amb-la-llei-contra-labus-bancari-en-la-preservacio-dels-serveis-publics>>.
<<https://www.nodo50.org/insurgentes/textos/autonomia/11novomunicipalismo.htm>>.
<<https://www.diariocritico.com/sanchez-apuesta-por-la-via-politica-en-la-crisis-catalana>>.
<<https://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/a-transicao-espanhola-pos-franco>>.
<<https://raromerol.wordpress.com/2010/02/06/los-efectos-del-franquismo/>>.

Todos os periódicos do ano de 1934 consultados e citados no texto estão disponíveis em:

<<http://www.cedall.org/Documentacio/Castella/cedall203500000.htm>>.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:
Universidade Federal do ABC, Centro de Engenharia,
Modelagem e Ciências Sociais Aplicadas.
Rua Arcturus, 3 (Jd Antares) – Anchieta.
CEP: 09606-070 - São Bernardo do Campo, SP - Brasil

Recebido: 28/02/2018
Aprovado: 05/07/2018